

Casa Tato 5 - 2021  
Curadoria de Mariana Leme  
Os encontros, as contingências

*Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. O fato de podermos compartilhar esse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; [...] significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida. – Ailton Krenak*

A exposição *Os encontros, as contingências* apresenta os artistas da Casa Tato 5 e sinaliza, a partir dos diálogos entre as obras – e delas com o espaço projetado por Rino Levi – algumas estratégias colaborativas, efêmeras e fluidas, instáveis. Não o idílio de um “coletivo” estático, mas a política em seu sentido mais generoso, os arranjos possíveis e, às vezes, imprevisíveis. Como equilibrar-se no mundo e em sociedade? O equilíbrio pode ser também um constante movimento. Como assumir a fragilidade (o engodo) da visão ocidental branca, masculina e extrativista, que se coloca acima de tudo e deseja um mundo homogêneo, monocultura de espécies humanas e não-humanas? As constelações, de que fala Krenak, podem sinalizar um futuro possível.

Esta pequena constelação de artistas e trabalhos assume agora a seguinte forma: **Caíque Costa** cria imagens borradas, de situações cotidianas que foram profundamente afetadas nos últimos dois anos; anuncia a solidão no jornal e em pontos de grande circulação. **Consuelo Vezarro** cria formas vacilantes, que remetem ao abstracionismo lírico; as pinceladas em têmpera ou em acrílica bastante diluída, adicionam uma camada sensorial aos trabalhos. **Eliane Gallo** constrói jardins diáfanos, pequenos mundos de tecidos sobrepostos e bordados, que insistem em florescer, apesar de tudo. **Federico Guerreros** investiga os interiores, desertos, em desenhos carregados de matéria oleosa, como densos testemunhos. **Justino** atenta para as possibilidades da vida em comum, e o quanto este conviver é mediado pela imagem, além de ter sido profundamente afetado pela pandemia de Covid-19. **Liane Abdalla** cria florestas em néon, inverossímeis e brilhantes, como se incorporassem as luzes das metrópoles, fixadas com anilina e tinta

metálica sobre madeira. **Lucas Quintas** investiga os equilíbrios provisórios, as corrosões e os sutis embates que são, afinal, indícios da instabilidade da matéria. **Lucy Copstein** trabalha com memórias compartilhadas e anônimas; confissões fragmentadas, que se desdobram em fragmentos de sons, painéis de tecido e cacos de porcelana. **Márcia Rosa** propõe, em grandes formatos, uma reflexão sobre as disputas que atravessam a vida não-humana, em formas que, embora estáticas, sugerem um constante movimento da existência. **Patrícia Lopes** ressignifica trabalhos de décadas atrás, tendo em vista o atual momento de crise; seres antes familiares tornam-se estranhos, encapsulados em resina. **Renata Sandoli** revisita o tema da natureza-morta. Mais que um gênero pictórico típico do século 17, tratava-se de manifestação de luxo. Criados em 2021, trazem um gosto amargo, tendo em vista a mais recente catástrofe social. **Sara Bittane** desconstrói e dissolve – literalmente – a forma de flores e plantas, sugerindo um comentário sobre a impermanência e as diversas representações, ou distorções, do real. **Sheila Ortega** cria interiores improváveis em pintura, a partir de performances e instalações com objetos, que por sua vez ensejam a criação de pequenas esculturas em cerâmica e engobe. **Sofia Saleme** borda corpos dançando Butoh numa faixa de kimono marcada pelo tempo; cria microcosmos em nanquim, folha de ouro e pigmentos naturais sobre papel Washi, refletindo sobre a passagem do tempo, a incompletude e a imperfeição.

É certo que vivemos num mundo dilacerado, mas talvez as associações fortuitas e efêmeras possam nos ajudar a imaginar um futuro menos desigual e violento. Das contingências – aquilo que nos escapa e a realidade que se impõe – podem surgir encontros e, por que não, uma sobrevivência possível porque colaborativa. Em constante movimento.

Mariana Leme, curadora